

O CONCEITO DE REGIÃO E PROBLEMAS FILOSÓFICOS

Significado epistemológico da história regional e a constituição histórica do “espaço liso” e do “espaço estriado”

Hélio Rebello Cardoso Jr

Professor de Filosofia e Teoria da História da UNESP¹

Resumo: o conceito de região suscita dois problemas históricos relacionados. O primeiro deles diz respeito ao destino epistemológico da história regional, pois a necessidade de se apresentar uma “história total”, um dos principais princípios do movimento dos Annales, sofre um impacto importante com as noções de “regional” e “local”, de modo que o sobrevôo da totalidade histórica é trocado por uma totalidade intensiva ou de imersão; o antigo historiador que sobrevoa a realidade é substituído pelo historiador intensivo e andarilho. Além dessa questão epistemológica, podemos pensar a respeito da constituição ontoprágmatca dos espaços. Do ponto de vista ontológico, isto é, dos modos de sua composição, assim como do ponto de vista de sua constituição prática, um espaço pode ser ou “liso” ou “estriado”. Esses tipos, pertencentes à nomadologia de Gilles Deleuze acerca dos territórios, pode auxiliar na caracterização e descrição históricas dos espaços, tendo em vista certo movimento historiográfico contemporâneo conhecido como Nova História Cultural.

Palabras chave: história, espaço; nomadismo.

SIGNIFICADO EPISTEMOLÓGICO DA HISTÓRIA REGIONAL: DO HISTORIADOR-AVIADOR AO HISTORIADOR-ANDARILHO.

O problema da região e da história regional é marcante, principalmente, na tradição dos Annales, uma vez que a Geografia como disciplina está na base da transformação historiográfica promovida por esses historiadores².

¹ Líder de Grupo: <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0330701C9P631W>. C.V.: <http://lattes.cnpq.br/7428964121614007>. e-mail: herebell@hotmail.com.

² G. BOURDÉ e H. MARTIN, “A escola dos ANNALES”, in *Escolas Históricas* (Lisboa,

A geografia humana da qual os *Annales* se aproximam estava principalmente representada pela revista *Annales de Géographie* e em torno da figura de Vidal de La Blache. Segundo José Carlos Reis³, esta geografia humana produz um tipo de conhecimento muito próximo do que vai ser produzido pelos *Annales*: alia-se às ciências sociais, dá ênfase à economia e às sociedades e recorta seu objeto segundo um espaço. O foco de suas pesquisas são os grupos humanos, as coletividades em sua relação com o meio, desta forma privilegiando durações mais longas. A inspiração que vem dos geógrafos para a pesquisa de estruturas lentamente móveis é de primordial importância para o grupo dos *Annales*. Vale também observar que, através desta aproximação da História e da Geografia, o espaço, além do tempo, passa a ter um papel muito importante para os historiadores que inclusive passam a definir seus objetos de análise por um espaço e não mais por fatos e acontecimentos. As monografias regionais devem muito a esta aproximação da história e geografia na primeira fase dos *Annales*.

Mas, as relações dos historiadores com a Geografia e a região estão perpassadas por uma questão interna que indica o sentido da continuidade e, igualmente, pelas transformações pelas quais passou o movimento dos *Annales* em suas três ou quatro gerações, desde 1929 até os anos 90. Por isso temos que procurar reconstituir em linhas gerais o traço de ligação entre a idéia de uma história total e as pesquisas em história regional que cada uma das fases dos *Annales*. Essa percepção, inclusive, é importante para entendermos de que modo a tradição dos *Annales* se dissolve ou se diversifica em nome

Europa-América, s.d).

3. José Carlos Reis, *Escola dos Annales – A inovação em história* (São Paulo, Paz e Terra, 2000), p. 61.

de uma Nova História Cultural⁴, a partir dos anos de 1990, ou antes, se considerarmos a Nova História⁵, tendo em vista o trajeto em direção à cultura relativo à Escola dos Annales, e em que pesem as alegadas inconsistências desse caminho⁶

Se o principal elemento indicando a eclosão da uma Nova História Cultural é o abandono da história total ou global, é certo que o trabalho do historiador tendo em vista a história regional tem se alterado concomitantemente. Para utilizarmos uma imagem que facilitará a abordagem, digamos que enquanto durou o objetivo de reconstituição da história total ou global, o historiador se munia de instrumentos metodológicos para reunir as histórias parciais e recriar a totalidade, por isso ele era um *historiador em sobrevoos*. Já, com a nova história cultural, e o abandono ou revisão do conceito de totalidade, o historiador se torna *andarilho ou pedestre*; ele não vê mais a história de cima; ele procure caminhar no solo como se percorresse por dentro o próprio objeto de trabalho.

Contudo, antes que essa reviravolta se desse, o historiador em sobrevoos da totalidade e a história regional que ele praticava sofreram várias alterações. Por isso, em seguida, procuraremos resumir as fases dos Annales e o conceito de região que prevalecia em cada uma delas. Em seguida, quanto, à história regional e o historiador andarilho da nova história regional, procuraremos discutir os conceitos de espaço estriado e espaço liso como uma possível

4 Lynn Hunt, *A Nova história cultural* (São Paulo: Martins Fontes, 1992).

5 Muito embora não seja exatamente correto combinar o movimento da Nova História dos Annales com a Nova História Cultural, seja por uma questão de limites teórico-metodológicos seja por uma questão de abrangência geográfica, que nos seja aqui concedida essa licença, em função do espaço para desenvolvimento de nosso argumento.

6 François Dosse, *A história em migalhas: dos Annales à Nova História* (Campinas/São Paulo: Ed. Unicamp/Ed. Ensaio, 1992.)

contribuição para as pesquisas em história regional desse historiador mais recente.

IDEAL DE HISTÓRIA TOTAL NO PRIMEIRO ANNALES (GÊNESE ATÉ O INÍCIO DA II GRANDE GUERRA – PERÍODO DE DIFUSÃO)

A observação genérica da produção historiográfica da Escola dos Annales não permite afirmar que sua orientação seguia um foco teórico único ou, pelo menos, deliberadamente articulado⁷. Justamente porque os próprios escritos teóricos esquivam-se a qualquer espécie de fundamentação teórica que não diga respeito ao labor metodológico. *O pensamento* dos Annales catalisa-se difusamente em torno de preceitos devidos à experiência, à vida e outras categorias românticas que são refratárias a qualquer espécie de gerenciamento, entendido como um *corpus* teórico destacado da pesquisa.

Ao se experimentar uma visão de conjunto da chamada Escola dos Annales, que se articulou em torno da revista do mesmo nome desde o final da década de 20 do século XX, o que mais se evidencia é a impossibilidade de conduzirmos uma análise a partir de um único foco teórico. Não obstante, logo se percebe que essa circunstância que se impõe, não é um dado aleatório. De fato, se há um fio condutor que perpassa toda a sua trajetória, desde o combate ao positivismo reinante até a miríade atual da história cultural, não há dúvida de que se trata da “interdisciplinariedade”.

A “Escola dos Annales” mostrou-se versátil em todos os âmbitos a que se dedicou, embora não tivesse um referencial teórico fixo⁸. Incorporou, sem

7 André Burguière, “Histoire d’une histoire: la naissance des Annales”, in *ANNALES*, s/l, (Armand Colin, 34eme Année, nº6, 1979), p. 1347-1354..

8. Jacques Revel, “Histoire et sciences sociales: le paradigme des Annales, in *ANNALES*, s/l, (Armand Colin, 34eme Année, nº6, 1979) .

muita turbulência, contribuições das várias ciências sociais em um multivariado diálogo destinado a fundar metodologicamente vários âmbitos da pesquisa histórica, em busca do que se denominou um tanto romanticamente, história “total” ou “globalizante”. Sendo assim, não é outro o motivo da variedade de filiações teóricas de seus principais representantes e das modificações marcantes que a “escola” sofreu em toda a sua existência.

Em vista dessas considerações, deveremos nos ater à seguinte linha de exposição. Se quisermos discriminar fases no desenvolvimento dos Annales, devemos estar atentos a um movimento duplo. Em primeiro lugar, destaque-se um primeiro-motor: o diálogo com as demais ciências (e não apenas com as sociais). Em segundo lugar, o movimento de inclusão daquele diálogo na constituição de metodologias propriamente históricas. De um ponto de vista mais geral, colocaremos em questão aquilo que parece ser uma impressão difundida quando se trata de avaliar a tradição dos Annales. Pensa-se muito, quase naturalmente, que os Annales se caracterizam por um momento de gênese onde impera a unidade que caminha para o esfacelamento, até gerar esta verdadeira babel da historiografia que hoje conhecemos⁹.

Para começar vamos caracterizar a chamada primeira fase dos Annales.

Estão na base da formação dos Annales em 1929, as seguintes correntes: a escola geográfica de Vidal de La Blache (espaço e tempo na história); Henri Berr e o psicológico como síntese do social e a sociologia de E. Durkheim, principalmente por intermédio das contribuições de F. Simiand, preocupado com a síntese econômica e social. Destas três vertentes decorreram os principais pontos de articulação da pesquisa e do direcionamento dos

⁹ Dosse, 1992.

Annales, como se pode constatar nas obras de M. Bloch e L. Febvre, antes e após a fundação da revista, em 1929.

Todos estes pontos foram incorporados pelos fundadores dos Annales, só que com um distintivo. A corrente sociológica durkheiminiana, que liderava o ataque ao socialismo e à historiografia positivista, reservava para a história, em seu projeto de constituição de um *corpus* das ciências sociais, o lugar de laboratório para se testar as hipóteses formuladas pela sociologia. Quer dizer, o projeto seria levado a cabo sob os auspícios do método sociológico.

Bloch e Febvre, no decorrer dos anos 20, livrar-se-ão deste *imperialismo* propondo a síntese histórica, não a partir de uma metodologia única, mas sim tendo a história como ponto de convergência da pesquisa em vários âmbitos. O projeto era o de realizar uma síntese, porém, na prática, a unidade deveria se dar assintoticamente através da contribuição metodológica da extração variável. É sintomático mesmo, a este respeito, que a síntese requerida efetuar-se-ia a partir da pesquisa centrada sobre objetos tão pouco definidos quanto o “homem” ou a “vida”, em clara alusão ao romantismo de Michellet.

Este objeto quase indefinido propiciará a diversidade da obra de Bloch e Febvre. O primeiro, em *A Sociedade Feudal*, buscará integrar uma história econômica, uma história das relações sociais e uma história do imaginário (mentalidades coletivas), num sentido mais sociológico. Já o segundo, tanto em seus escritos programáticos quanto, por exemplo, no ensaio *Religião de Rabelais*, deixa entrever uma preocupação mais acentuada com uma história das idéias de caráter mais psicológico e atenta às mentalidades individuais. Embora diferenciadas, as perspectivas de ambos convergem pelo fato de que a síntese continua sendo dirigida pela história. Ademais, os Annales sempre

postularam, também de forma pouco definida, a “unidade do social”.

Ainda antes da II Guerra, em meio à profusão de frentes abertas pela “Escola” surge o trabalho de E. Labrousse, que dará um grande impulso à história econômica. Ao estudo das conjunturas de preços e salários, que se faziam desde Simiand, Labrousse integrará o estudo das estruturas, a fim de observar “ciclos” e mudanças seculares.

O PROBLEMA DA DIALÉTICA DOS TEMPOS COM BRAUDEL E A GEOHISTÓRIA (APÓS 45 ATÉ O FIM DOS ANOS 60 – HISTÓRIA QUANTITATIVA E DAS ESTRUTURAS)

A noção de “estrutura”, já presente em E. Labrousse, é aprofundada por F. Braudel em seu célebre ensaio *A Longa Duração* (1978). De fato, embora as tendências iniciais permaneçam, a discussão com as demais ciências sociais, principalmente com a antropologia estruturalista e com a sociologia de Gurvitch, vão impor aos Annales um novo posicionamento.

A história, devido à reabilitação institucional das ciências sociais, não pode mais arrogar-se a condutora da síntese, mas pretende-se ainda a intermediadora deste diálogo. Num primeiro momento, embora não submetida ao estruturalismo, a história tem a metodologia marcadamente influenciada pelo mesmo influxo teórico. A noção de “estrutura”, bem como a de “longa duração”, tem como consequência o privilégio da permanência e da estabilidade, enfatizando a pesquisa empírica e a serialidade tendencial¹⁰. Estava aberto assim o caminho tanto para uma história quantitativa quanto para o privilegiamento dos movimentos estruturais, cujo exemplo marcante é

10. Michel Vovelle, *A História e a Longa Duração*, In: J. Le Goff, org., *A História Nova*. (São Paulo: Martins Fontes, 1990.), p. 68-97.

a *Civilização Material e Capitalismo*, de F. Braudel¹¹.

No que toca a geografia histórica apresentada na primeira parte de sua tese, Braudel segue a linha dos Annales, ligada também à geografia vidaliana, no entanto não é possível descartar que as condições geográficas agem de forma a determinar o estilo de vida das populações que vivem na região do mediterrâneo. Braudel não nega, como o fez Febvre, que as condições espaciais podem, de fato, determinar as condições de vida das sociedades e, conseqüentemente, as durações mais expandidas dos fatos observados. Neste ponto a geografia, tal como utilizada por Febvre e Braudel, se diferencia. Acreditamos, no entanto, que a posição tal como identificamos em Braudel não é menos rica ou inferior a de Febvre: é diferente e este ponto mostra o caráter heterogêneo do grupo dos Annales. Identificar uma veia determinista nos escritos de Braudel não pressupõe uma visão pejorativa. Ainda neste sentido, as descrições de vidas particulares nas montanhas, planícies, desertos, e outros ambientes geográficos da região do mediterrâneo mostram uma pluralidade de estilos de vida heterogêneos, evitando chegar a generalizações fáceis. Há um equilíbrio entre uma geografia que determina o estilo de vida e outra que permite diferentes formas de sociedades num mesmo ambiente geográfico.

Braudel, influenciado por la Blache, trata os espaços como seres viventes. Assim ele o fez com o Mediterrâneo. Os homens para Braudel são apenas uma inteseção do espaço-tempo, um lugar de determinação, enquanto o verdadeiro ator, capaz de realizar mudanças de costumes e atitudes, é o espaço.

11 Fernand Braudel, *Civilização Material, Econômica e Capitalismo*, vol 1. (São Paulo: Martins Fontes, 2005),

**A REVIRAVOLTA DO LOCAL E A HISTÓRIA GLOBAL: A NOVA NOÇÃO DE TOTALIDADE
(DOS ANOS 70 EM DIANTE – NOVA HISTÓRIA E NOVA HISTÓRIA CULTURAL)**

Com a Nova História, movimento que se apresenta com a geração dos Annales posterior a Braudel, o caráter da nova totalidade histórica está baseada em “objetos globalizantes” situados em nível local e intensivamente constituídos¹². O objeto globalizante, apesar de sua existência pontual, é visto como estando colocado numa intersecção de múltiplos fenômenos, por isso revelando o conjunto do sistema.

O objeto, então, ao invés de ser colocado numa perspectiva global, pelo qual ele era enquadrado numa totalidade, é agora um átomo que pode ser decomposto em séries documentais. O objeto histórico é constituído por diferentes ritmos temporais que não só revelam seu caráter intensivo como também implicam o microcosmo da totalidade de que ele é a mônada¹³.

É no sentido de mergulho intensivo nos objetos globalizantes que afirmamos inicialmente a conversão do novo historiador em andarilho. Esse mesmo historiador necessitaria de uma nova história regional devido às novas demandas teóricas.

Nesse período, com efeito, a abordagem regional está em acordo com uma nova maneira de encontrar a totalidade histórica. O espaço não é mais entendido na acepção da longa duração braudeliiana. A procura da história global se faz no âmbito de uma base espacial mais restrita, por isso os estudos de história regional são marcantes para a Nova História. De um modo

12. Jacques Le Goff, *História e memória* (Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990), p. 46 e 141...

13. Jacques Le Goff, A nova história. In : *Reflexões sobre a História*, (Lisboa: Edições 70, s/d), p. 78-79.

geral, a procura do global ou da totalidade histórica se opera a partir de uma pluralidade de abordagens (demografia, lingüística, economia e etnologia) tendo em vista um objeto que têm uma localização espacial bem precisa. Descobre-se que o regional ou local é uma zona de intensidades históricas muito rica, na medida em que o pequeno foco leva a uma encruzilhada de linhas ou séries que permite entrever o todo.

É neste ponto e em função desta virada epistemológica na historiografia recente que estudo dos conceitos de espaço estriado e espaço liso definidos por Deleuze torna-se ressonante.

CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO ESPAÇO LISO E DO ESPAÇO ESTRIADO

Para o novo historiador da cultura, se a recuperação da totalidade histórica ainda é um problema teórico importante, por outro lado, ele precisa ser, de acordo com as disposições da nova história cultural, um historiador andarilho ou pedestre, ao invés do historiador voador da história global. Para tanto, ele precisa munir-se de conceitos que lhe permitam uma abordagem igualmente inovadora da história regional. Passemos, então, à definição dos referidos conceitos fazendo realçar sua pertinência histórica. Na verdade, a bem de certa precisão terminológica, podemos dizer que a noção de espaço mais condizente com as novas disposições da historiografia, incentiva uma história das territorialidades, ao invés de uma história regional ou local, como se costuma denominar. Como veremos, essa informação terminológica diz respeito ao fato de que o espaço liso e estriado são definidos em relação a territórios nômades e não com relação a regiões sedentárias, pois estas são espaços (pré)definidos em função de um aparelho de Estado.

ESPAÇO SEDENTÁRIO E ESPAÇO NÔMADE NO PASSADO E NO PRESENTE

O tema do nomadismo, filosoficamente, opõe-se à imagem de um “solo estável”, tanto como fundamento do pensamento, aspecto presente na *Crítica da Razão Pura*, quanto como metáfora agrária, na qual estaria baseada a idéia kantiana de história¹⁴. A fim de caracterizar sua nomadologia, sem dúvida, Deleuze procura estudar a etnologia dos povos nômades, pois deve haver na vida desses povos uma lição que interessa para a sensibilidade que caracteriza o conceito de território por ele proposto, pois todo conceito é um movimento no plano do pensamento que encontra movimentos no sócio-histórico.

O mais relevante é a maneira pela qual os nômades constroem seus territórios, antes de qualquer coisa, no sentido do espaço geográfico. Nos trajetos nômades, há pontos, mas estes não são pontos de partida nem de chegada, eles estão submetidos ao próprio trajeto. Ao contrário dos trajetos sedentários, cujo objetivo é “distribuir os homens em um espaço fechado”, o trajeto nômade “distribui os homens (ou os animais) em um espaço aberto”. Quer dizer, o espaço sedentário já está dado, enquanto o espaço nômade se constrói à medida que o movimento se faz. Por isso, como as multiplicidades em imanência, no espaço nômade, as conexões e, portanto, as suas dimensões são variáveis e abertas.

Desta forma, os aparelhos de Estado estão sempre a se surpreender com a rapidez das máquinas de deslocamento que os nômades conseguiram montar. Na verdade, os Estados estão sempre a querer cooptar as máquinas

14 Jean-Clet Martin, *Variation: La philosophie de Gilles Deleuze*, (Paris: Payot & Rivages, 1993), p. 67-71, 101-109..

nômades, a fim de incrementar seu aparelho com a velocidade nômade. Historicamente, mostram Deleuze e Guattari, essa cooptação se apresenta pela adoção das técnicas de cavalaria ou, mais que isso, das máquinas de guerra dos nômades. A máquina de guerra nômade não defende o espaço fechado ou região, logo, seu objetivo não é a guerra. Em certo sentido, ela não tem nada a defender, pois o que lhe importa é a abertura do espaço, sempre que uma máquina sobrecodificante procura fechá-lo com seus aparelhos de Estado, estes sim, voltados para a guerra. Um espaço fechado ou região preexistente é necessariamente espaço da guerra.

CONSTITUIÇÃO DO “ESPAÇO LISO” “ESPAÇO ESTRIADO”

A fim de fazer valer essa caracterização do território nômade em face da região sedentária Deleuze estabelece uma diferença conceptual entre dois tipos de tempo-espaço, a saber, o “espaço estriado” e o “espaço liso”, e o “tempo pulsado” e o “tempo não-pulsado”. Sendo que o estriado e pulsado constituem um “sistema pontual” que se opõe a um “sistema multilinear” constituídos pelo liso e pelo não-pulsado, mostram Deleuze e Guattari¹⁵. Contudo, o que merece destaque é de que maneira esses tempos-espaços e esses sistemas se capturam mutuamente e se fundem immanentemente.

Essa distinção se refere, antes de qualquer coisa, à caracterização “aritmética” do tempo-espaço, pois importa saber de que maneira uma coisa se distribui no tempo e no espaço. O tempo-espaço liso é aberto, quer dizer, ele se constitui à medida que coisas heterogêneas se distribuem no espaço. Ao passo

15 Gilles Deleuze & Félix Guattari, *Capitalisme et Schizophrénie: Mille Plateaux*, (Paris: Minuit, 1980), p. 361-363..

que o tempo-espaço estriado é fechado, ele é um espaço dado, esquadrinhado, de modo que as coisas vão ocupá-lo ou partilhá-lo posteriormente, quando o processo de distribuição já estiver devidamente codificado ou sobrecodificado, homogeneizado, enfim. Sendo assim, um número, no caso do tempo-espaço liso, é independente do tempo e do espaço entendidos extensivamente, pois ele não serve para medir ou contabilizar a distribuição dos heterogêneos, como no tempo-espaço estriado. O número é o próprio móvel do tempo-espaço liso, ele é um “ocupante móvel”, dizem Deleuze e Guattari, de maneira que a organização numérica é simultaneamente uma “ordem de deslocamento”, uma transversal/diagonal de desterritorialização com relação às coordenadas horizontais e verticais do tempo-espaço estriado. Aliás, o número independente do espaço ainda fornece um modelo para se compreender as ligações entre uma “ciência maior” ou real e uma “ciência menor” ou nômade; sendo que acreditamos que uma parte importante da historiografia tende para esta última denominação¹⁶.

A distinção entre os dois tipos de tempo-espaço também é recoberta por uma caracterização sócio-histórica. A própria definição de tempo-espaço liso o põe como um tempo-espaço nômade. Ao contrário, o tempo-espaço estriado é sedentário, seja ele de codificação no caso das sociedades primitivas, de sobrecodificação no caso das sociedades regidas por um estado imperial, seja ele um espaço liso de axiomatização no caso das sociedades capitalistas onde o estado instalou um centro imanente e que opera através de um espaço nômade que estabelece um corpo a corpo com os territórios nômades.

16. Hélio R. Cardoso Jr, “Acontecimento e História: Pensamento de Deleuze e Problemas Epistemológicos das Ciências Humanas”. *Transformação*, (São Paulo, v. 28.2, n. 2, p. 105-116, 2005).

Em todo caso, com a distinção entre os dois tipos de tempo-espaço, precisamos, ainda, indicar o caráter peculiar de sua fusão, pois somente dessa maneira seria possível compreender concretamente as relações variáveis que eles estabelecem entre si, visto que as razões de sua mistura são dificilmente simétricas. Como informam Deleuze e Guattari,

o espaço liso e o espaço estriado, o espaço nômade e o espaço sedentário, o espaço onde se desenvolve a máquina de guerra e o espaço instituído pelo aparelho de Estado, não são da mesma natureza. Mas tanto podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Tanto uma diferença muito mais complexa, que faz com que os termos sucessivos das oposições consideradas não coincidam inteiramente¹⁷.

Se conceitos de liso e estriado parecem se coadunar com certa ambiência epistemológica característica da virada culturalista da historiografia, como procuramos aqui evidenciar, há necessidade ainda de sua aferição em termos historiográficos. Com isso, poder-se-ia constatar se as pesquisas regionais efetivamente realizadas pelos historiadores da cultura fazem um apelo a esses conceitos ou se elas já virtualmente os implicam. Em ambos os casos, os ganhos metodológicos são evidentes.

17. Gilles Deleuze & Félix Guattari, 592-593; Gilles, Deleuze, *Pourparlers* (Paris: Mille-nuit, 1990), p. 50-51.

THE CONCEPT OF REGION AND PHILOSOPHICAL PROBLEMS: epistemological significance of regional history and the historical constitution of the “flat space” and “striated space”

Abstract: The concept of historical region raises two related problems. The first concerns the epistemological fate of regional history, as the need to provide a “total history”, one of the main principles of the Annales movement, suffers a major impact with the notion of “local”, so that the overflight of all history is exchanged for a full immersion or intensive. The ancient historian who flies the reality is replaced by the historian intensive and stroller. In addition to this epistemological question, we can think about the historical constitution of spaces. From the ontological point of view, that is, modes of composition, as well as from the standpoint of its practical constitution, a space can be either “flat” or “spline”. These types belonging to nomadology Gilles Deleuze about the territories, can assist in the characterization and description of historical spaces in view some contemporary historiographical movement known as the New Cultural History.

Key-words: history; space; nomadism

EL CONCEPTO DE REGIÓN Y LOS PROBLEMAS FILOSÓFICOS: la significación epistemológica de la historia regional y la constitución histórica de la “espacio plano” y “espacio estriado”

Resumen: El concepto de región histórica plantea dos problemas. La primera se refiere al destino epistemológico de la historia regional, como la necesidad de proporcionar una “historia total”, uno de los principios fundamentales del movimiento de los Annales, sufre un gran impacto con la noción de “local”, por lo que el sobrevuelo de toda la historia se cambia por una inmersión total o intensivo. El historiador de la antigüedad que vuela la realidad se sustituye por el historiador intensiva y el cochecito. Además de esta cuestión epistemológica, podemos pensar en la constitución histórica de los espacios. Desde el punto de vista ontológico, es decir, los modos de composición, así como desde la perspectiva de su constitución práctica, un espacio puede ser “plana” o “tira”. Estos tipos pertenecen a nomadología Gilles Deleuze sobre los territorios, puede ayudar en la caracterización y descripción de los espacios históricos en vista algún movimiento historiográfico contemporáneo conocida como la nueva historia cultural.

Palabras clave: la historia, el espacio; nomadismo

Recebido em 07/10/2011

Aprovado em 21/11/2011

